

As valsas e os tangos de Chiquinha Gonzaga como repertório didático para alunos de piano

GTE 01 - A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas

Comunicação

Ana Paula Machado Simões
anapaulasimoes89@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como base pesquisa realizada a nível de doutorado que teve como objetivo investigar as valsas e tangos da compositora brasileira Francisca Gonzaga a fim de identificar suas características composicionais e, principalmente, os desafios técnicos, musicais e de leitura que alunos de piano encontrarão ao estudar essas obras, assim como os benefícios de utilizá-las como material didático. Baseado no modelo de Barrett, McCoy, and Veblen (BARRET; MCCOY; VELEN, 1997, p. 77), múltiplas dimensões das obras foram estudadas, tais como sua importância cultural e histórica, e características individuais e comuns entre as peças. Todas as valsas e tangos para piano da compositora foram executadas ao piano pela autora do artigo, analisadas quanto às características pianísticas, e comparadas com peças classificadas em diferentes níveis de dificuldade pela pianista e pedagoga norte-americana Jane Magrath (MAGRATH, 1995). Dessa forma, buscou-se classificá-las em níveis de dificuldade e evidenciar suas características que podem contribuir para a formação pianística de estudantes. Verificou-se que as valsas e tangos de Chiquinha Gonzaga possuem nível de dificuldade entre seis e dez, e apresentam elementos técnicos e musicais que preparam os alunos para um repertório de música erudita brasileira e estrangeira de maior dificuldade. Concluiu-se que essas obras são valiosas não só por sua qualidade intrínseca e sua importância histórica, mas também por suas aplicações didáticas, merecendo maior destaque por parte de professores de piano e também pianistas profissionais.

Palavras-chave: Chiquinha Gonzaga. Valsa Brasileira. Tango Brasileiro.

Introdução

Francisca Edwiges Neves Gonzaga ou, simplesmente, Chiquinha Gonzaga (1847–1935) é um nome conhecido no cenário musical brasileiro, especialmente no contexto do choro. Suas obras também têm ganhado espaço em salas de concerto, mas o número de suas peças conhecido pelo público, e até mesmo por músicos profissionais e professores, ainda é muito pequeno se comparado ao tamanho do repertório criado pela compositora. Chiquinha Gonzaga foi uma das pioneiras em desenvolver um estilo genuinamente brasileiro na música popular. Além de sua importância na história da música brasileira, ela também foi uma personalidade importante na sociedade da época, tendo apoiado a abolição da escravidão e a proclamação da república, e contribuído para a formação da primeira sociedade brasileira de proteção aos direitos autorais, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat).

Gonzaga é considerada uma mulher à frente de seu tempo. Vivendo em uma sociedade patriarcal, ela quebrou paradigmas e viveu de forma independente e “transgressora”, tendo sua vida sido considerada escandalosa na época. Ela abandonou um casamento infeliz para viver um novo relacionamento e, por isso, foi desonrada pela família. Após o término deste segundo relacionamento em 1876, Chiquinha já não contava com o apoio dos familiares. Para conseguir se sustentar, ela passou então a oferecer aulas de piano e outras disciplinas e envolveu-se na música popular como compositora e pianista. Em 1877, teve sua primeira obra publicada, a polca *Atraente*. Através de manuais, ela aprendeu de maneira autodidata a compor para outros instrumentos e a orquestrar (DINIZ, 2009: 135). Assim, em 1885, começou a compor para o teatro de revista e estreou como maestrina, tornando-se a primeira regente mulher do Brasil. Em 1899, compôs a primeira marcha carnavalesca do país, *Ó Abre Alas*. Em 1914, sua música chegou aos salões da elite quando a primeira-dama Nair de Teffé tocou ao violão seu tango/maxixe *Gaúcho/Corta-Jaca*, gerando um enorme escândalo, pois o maxixe era considerado uma dança imoral. Gonzaga também inovou ao incluir instrumentos populares, como o violão, a viola caipira e o pandeiro em apresentações em teatros, onde, até então, orquestras utilizavam apenas instrumentos “tradicionais”.

Apesar do sucesso alcançado ao longo da vida, Chiquinha Gonzaga e sua obra ficaram esquecidas até a década de 1970, quando o gênero do chorinho foi redescoberto. Desde então, sua vida tem ganhado mais enfoque, principalmente devido ao seu caráter pioneiro e subversivo, mas poucas de suas peças são conhecidas pelo grande público. Da mesma forma, suas obras não são frequentemente incluídas por professores no repertório de formação dos alunos de piano. Chiquinha compôs mais de 300 peças em diversos gêneros, como polcas, valsas, tangos brasileiros, mazurcas, peças sacras, canções, entre outras. Para piano, os gêneros nos quais a compositora foi mais prolífica foram a valsa e o tango. Esses gêneros contrastantes demonstram a variedade de estilos explorados pela maestrina e oferecem uma gama de aspectos pianísticos que podem ser abordados didaticamente e que podem contribuir para o desenvolvimento técnico e musical dos alunos de piano, não apenas para prepará-los para outras obras de compositores nacionais, mas também para desenvolver habilidades exploradas por compositores tradicionalmente estudados no repertório erudito, como Chopin, Schubert, entre outros.

Buscando-se incentivar o uso da obra de Chiquinha por professores de piano e a exploração didática de seus elementos, esta pesquisa analisou as características das 37 valsas e dos 30 tangos (incluindo-se aqui um maxixe) para piano de Chiquinha Gonzaga. Essa análise consistiu em identificar as dificuldades de leitura e execução das peças, em atribuir níveis de dificuldade, em oferecer sugestões de abordagem para os professores e estratégias de estudo para os alunos, e em elucidar como essas obras podem preparar os alunos para um repertório mais avançado. Além de apresentar os resultados mais abrangentes, metade das peças foi estudada mais profundamente e teve suas dificuldades técnicas, musicais e de leitura detalhadas. Procurou-se assim, auxiliar os professores na escolha do repertório de acordo com as necessidades do aluno.

Escolha das peças a serem analisadas

Chiquinha compôs em dezenas de gêneros, entre eles tangos, valsas, polcas, mazurcas, noturnos, gavottes, habaneras, entre outros. As valsas e os tangos foram escolhidos como foco para o trabalho por serem os gêneros nos quais Chiquinha foi mais prolífica. Além

disso, eles são gêneros contrastantes, sendo que a valsa, originada nos salões europeus, demonstra as influências europeias de Chiquinha, e o tango, um ritmo genuinamente nacional, tocado pelas ruas do Rio de Janeiro, evidencia a importância de Chiquinha no desenvolvimento da música popular brasileira. Da mesma forma, eles representam a variedade de estilos abordados pela compositora e a diversidade de elementos pianísticos presentes em sua obra.

Análise pedagógica

Apesar de não serem tradicionalmente consideradas “pedagógicas”, as obras de Chiquinha Gonzaga, em sua maioria acessíveis a pianistas de nível intermediário, apresentam grande potencial didático. Elas possuem ampla variedade de elementos técnicos e musicais necessários a uma formação musical abrangente e podem preparar alunos para peças mais avançadas de compositores de diversos estilos. As obras de Chiquinha podem também ajudar os alunos a descobrirem um novo gosto musical e estimulá-los a expandir seu treinamento musical para uma variada gama de gêneros, oferecendo possibilidades de repertório além do que é geralmente visto nas salas de concerto tradicionais e contribuindo para uma formação mais completa.

Atribuir níveis de dificuldade a um repertório é uma questão subjetiva, relativa e controversa. Subjetiva, pois depende das experiências, conhecimentos, habilidades e dificuldades do avaliador. Relativa, pois é feita por meio da comparação de peças escolhidas como referência para cada nível. E controversa, pois pessoas diferentes podem classificar uma mesma peça em níveis discrepantes de acordo com os critérios escolhidos e com o contexto de aplicação do nivelamento. Portanto, níveis de dificuldade devem ser vistos como um guia geral e flexível criado com o objetivo de auxiliar o professor na hora de selecionar e organizar o repertório para seus alunos e não como graus absolutos e rígidos. Como recomendou Frances Clark, o professor “deve ser grato por um revisor tê-lo apresentado uma nova peça musical e ter-lhe dado, de um modo amplo e geral, sua ideia da dificuldade [da peça]. Como isso servirá o seu propósito deve ser determinado apenas por você [professor] quando você ensiná-la” (CLARK, 1992, p. 288, tradução nossa). Dessa forma, essa classificação pretende auxiliar o professor na escolha de peças e abrir o leque de possibilidades para o repertório de alunos intermediários e não, servir como um guia autoritário de nivelamento.

Para a análise didática das obras, foram utilizadas categorias fornecidas por Jeanine Jacobson (JACOBSON, 2015: 180–181). Em cada categoria, ela sugere aspectos a serem observados para a análise de músicas de nível elementar, porém estas foram adaptadas pela autora do artigo para os níveis intermediários e pré-avançados. As categorias sugeridas por Jacobson são: características técnicas, características musicais, e características de leitura. Em cada categoria, a pesquisadora buscou por elementos, tais como ornamentação, textura, indicações de tempo, caráter, dinâmicas e agógica, fraseado e articulação, uso do pedal, dedilhado, tonalidades, padrões rítmicos, mudanças de caráter, e desafios técnicos, como feito por Sara Cohen (COHEN, 1988) em sua análise didática da obra de Nazareth. Após essa análise preliminar, feita pelo estudo da partitura e execução das peças ao piano, as características das peças de Chiquinha foram comparadas com diversas obras analisadas e niveladas por Jane Magrath (MAGRATH, 1995) para serem colocadas em níveis de dificuldade progressivos.

A classificação de Magrath foi escolhida como base por utilizar um nivelamento bem gradual (de um a dez) e por abranger uma enorme parcela do repertório didático, o que a

torna uma base sólida para referência. Notou-se que o nível de dificuldade dos tangos e das valsas de Gonzaga varia entre seis e dez, compreendendo assim o nível intermediário e pré-avançado. Na tabela abaixo (Tabela 1), foram incluídas algumas peças de diversos períodos que já são parte do repertório didático tradicional e que se encontram entre os níveis seis e dez para uma referência básica de cada nível de dificuldade.

Tabela 1: Exemplos de peças em estilos diferentes em cada nível de dificuldade de acordo com o livro *The Pianist's Guide to Standard Teaching and Performance Literature* (MAGRATH, 1995).

Nível Seis	Nível Sete	Nível Oito	Nível Nove	Nível Dez
J.S.Bach - Pequeno Prelúdio em Dó Menor, BWV 999	J.S. Bach - Invenção no. 1, BWV 772	J.S. Bach - Invenção no. 9, BWV 780	J.S. Bach - Sinfonia no. 3, BWV 789	J.S. Bach - Sinfonia no. 12, BWV 798
M. Clementi - Sonatina em Ré Maior, op. 36, no. 6	F. Kuhlau - Sonatina em Sol Maior, op. 88, no.2	L.v. Beethoven - Bagatelles, op. 33, no. 3 e no. 6	F. J. Haydn - Sonata em Mi Menor, Hob. XVI/34	W. A Mozart - Sonata em Sol Maior, K. 283
R.Schumann - op. 68, no. 19	F. Mendelssohn - Canção sem Palavras, op. 30, no. 3	F. Schubert - Momento Musical, op. 94, no.3	F. Chopin - Noturno op. 9, no. 2	F. Chopin - Valsa op. 64, no. 2
D. Kabalevsky - op.27, no. 17	H. Villa-Lobos - Cirandinhas	C. Debussy - Dr. Gradus ad Parnassum	L. Fernandez - Terceira Suíte Brasileira	B. Bartók - Allegro Barbaro, Sz.49

A maioria dos tangos e valsas de Chiquinha Gonzaga encontra-se no nível sete (12 valsas e 11 tangos). No nível seis, há dez valsas e sete tangos. Oito valsas e seis tangos têm nível de dificuldade oito. No nível nove, foram colocados cinco valsas e três tangos. No nível mais difícil, o nível dez, a autora identificou apenas duas valsas e três tangos (Tabela 2 e Tabela 3).

Tabela 2: Classificação das valsas de Chiquinha Gonzaga em níveis de dificuldade. Em um mesmo nível, as obras estão ordenadas em ordem crescente de dificuldade de cima para baixo.

Nível Seis	Nível Sete	Nível Oito	Nível Nove	Nível Dez
Saudade	Heloísa	Cecy	Grata Esperança	Carlos Gomes
Maria	A Rir do Santo Dia/Aguará	Ary, Filha do Céu/Cariry	Harmonia das Esferas	Yara, Coração de Fogo
Cananéa	Perfume (Feno de Atkinsons)	O Padre Amaro	Harmonias do Coração	
Robertinha	Estrela D'Alva	Timbira	Desalento	
Tupiniquins	Juracy	Dança das Fadas	Plangente	
Bella Fanciulla Io T'Amo	Amapá	A Bela Jardineira		
Tupi	Promessa	Genéa		
Animatógrafo	Viver é Folgar	Walkyria		
Viva la Gracia/Platina	Falena			
Borboleta	Ortruda			
	Ismênia			
	Rosa			

Tabela 3: Classificação dos tangos de Chiquinha Gonzaga em níveis de dificuldade. Em um mesmo nível, as obras estão ordenadas em ordem crescente de dificuldade de cima para baixo.

Nível Seis	Nível Sete	Nível Oito	Nível Nove	Nível Dez
Carijó	Xi	Tango Brasileiro	Tango Característico	Água do Vintém
Só na Flauta	Yo Te Adoro	Maxixe de Carrapatoso e Zé Povinho	Day-Break; Ainda Não Morreu	Bióinne; Adeus
Há Alguma Novidade?	Julia	O Jagunço	Saci-Pererê	Alegre-se Viúva
Angá	Tupã	Evoé		
Tim-Tim	Bijou	Só no Choro		
Gaúcho	Suspiro	O Diabinho		
Linda Morena	Sedutor			
	Choro			
	Tambiquererê			
	Faceiro			
	São Paulo			

Valsas

Chiquinha Gonzaga compôs 37 valsas para piano, duas delas, *A Rir do Santo Dia*, e *Ary* foram publicadas com outros nomes em tonalidades diferentes com algumas alterações, e *Viva la Gracia* foi publicada também com o nome *Platina*, mas apenas uma versão destas foi contabilizada. Algumas foram publicadas apenas para outros instrumentos durante a vida da compositora, mas por terem sido primeiramente concebidas para piano, foram incluídas na contagem. Elas apresentam andamentos e caracteres variados, desde peças muito brilhantes e rápidas, como *Yara*, a peças lentas e sentimentais, tais como *Saudade*. Outras apresentam forte caráter dançante, como *Dança das Fadas*. Algumas foram publicadas com classificação de estilo, como valsa de salão, valsa brilhante, valsa de concerto, valsa sentimental etc.

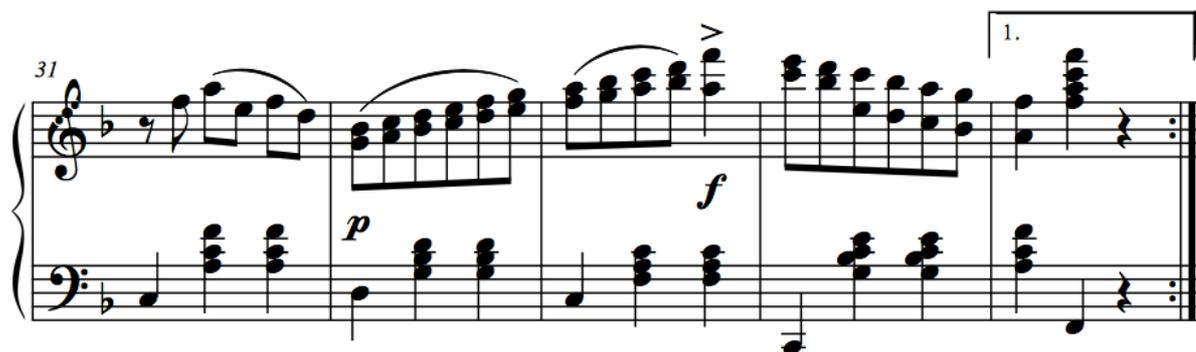
Apenas duas valsas estão em tonalidades menores (*Cananéa* e *Viva la Gracia/Platina*), e a maioria das tonalidades utilizadas apresenta poucos sustenidos ou bemóis, pois o público-alvo das obras apresentava um conhecimento musical limitado (PERES, 1995, p. 114). Enquanto algumas mantêm o mesmo caráter ao longo da peça, outras apresentam partes contrastantes. Essas mudanças de caráter vêm, muitas vezes, acompanhadas por modulações, mudanças de textura (como adição de uma voz intermediária, alternância do motivo de uma mão para a outra, e acréscimo de passagens ornamentais, como arpejos de passagem e escalas), entre outros recursos. Para peças sem muitos contrastes, o pianista precisará aplicar variações de dinâmicas, timbre, articulações e agógica entre as seções para criar variedade e evitar que a peça soe repetitiva ou monótona. Do mesmo modo, em peças que apresentem mudanças de caráter, ele precisará explorar diversas nuances musicais, exigindo um maior conhecimento de toques e recursos de expressividade para criar o contraste necessário entre as diversas seções da obra.

As valsas de Chiquinha Gonzaga apresentam poucas indicações de andamento, caráter, dinâmicas, articulações, pedal e agógica. Portanto, cada passagem deverá ser cuidadosamente analisada e diferentes interpretações deverão ser testadas e discutidas entre professor e aluno para se chegar a uma execução que melhor represente o caráter da seção (que também deve ser analisado por meio dos elementos composicionais utilizados e pelo estilo da peça). Quanto à pedalização, suas valsas oferecem oportunidades para a prática de diversas técnicas. Muitas vezes, pressionar o pedal no primeiro tempo e soltar no segundo ou terceiro funciona bem e cria um leve movimento de dança. No entanto, para passagens expressivas, o pedal sincopado (algumas vezes, dispondo-se do recurso de meio-pedal) pode ser utilizado. Essas técnicas de pedalização são utilizadas também em valsas de compositores eruditos, como Chopin, Schubert e Brahms.

Outra questão musical importante é o equilíbrio entre as vozes. Os baixos devem ser levemente evidenciados, especialmente onde apresentam uma movimentação mais melódica. Os acordes do acompanhamento devem ser mais leves que os baixos e devem mover de maneira a criar o balanço da dança. A melodia deve ser bem projetada e deve manter seu caráter brilhante e/ou *cantabile*. Além disso, é comum a presença de notas duplas (terças, sextas e oitavas, por exemplo) ou de uma voz intermediária, também exigindo um bom equilíbrio sonoro entre as camadas.

Com relação às dificuldades técnicas, a maioria dos desafios ocorre na mão direita, como ornamentos (que também podem causar alguma dificuldade rítmica), escalas, arpejos, notas repetidas, e terças, sextas e oitavas paralelas (ver Figura 1). Na mão esquerda, notam-se, por exemplo, grandes saltos entre baixo e acordes, acordes em diversas inversões, oitavas paralelas, acordes de quatro notas, arpejos, e variedade no estilo do acompanhamento. De maneira geral, suas melodias são escritas de maneira pianística e suas peças são apropriadas para alunos com mãos pequenas, pois, na maioria das vezes, a extensão necessária não ultrapassa uma oitava e, quando um intervalo maior aparece, ele geralmente é marcado com um sinal de arpejo.

Figura 1: Terças e sextas paralelas na mão direita e grandes saltos na mão esquerda da valsa



Viva la Gracia, de Chiquinha Gonzaga, compassos 31–35.

Fonte: Edição de 2011 do Acervo Digital Chiquinha Gonzaga

Tangos

A palavra tango foi utilizada na América Latina para designar diversos e distintos tipos de música. No Brasil, maxixes, sambas, modas, lundus, cateretês, e habaneras receberam a denominação tango brasileiro (ANDRADE, 1934: 143, 151–152). Os tangos de Chiquinha Gonzaga refletem essa diversidade de estilos, e é possível notar tangos com ritmo de habanera, de maxixe/lundu, de polca, ou uma mistura deles. Chiquinha Gonzaga compôs 30 tangos para piano, incluindo-se nesse número a única peça publicada com a denominação “maxixe” pela compositora (*Maxixe de Carrapatoso e Zé Povinho*). O maxixe foi um dos principais gêneros disfarçados sob a denominação “tango”. Até mesmo Chiquinha Gonzaga, uma das maiores compositoras de maxixe e grande responsável por sua difusão, publicava-os sob a classificação de tangos, devido à sua condenação pelos estratos mais altos da sociedade. Por este motivo, optou-se por incluir o *Maxixe de Carrapatoso e Zé Povinho* na contabilização dos tangos.

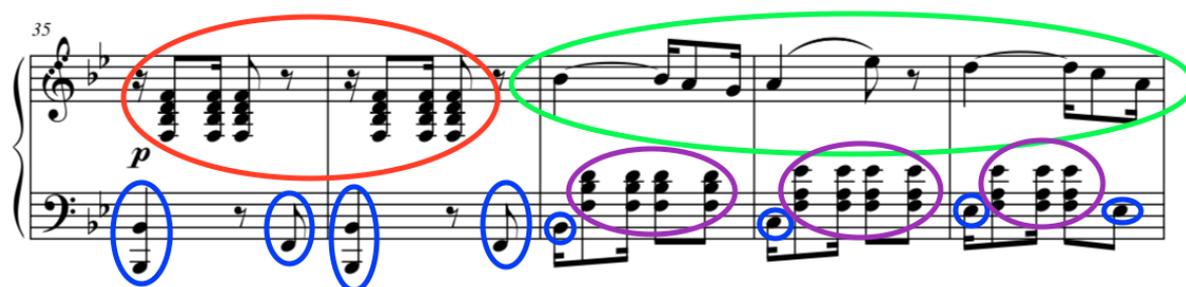
Os tangos de Gonzaga apresentam características muito variadas: desde tangos alegres e rápidos, como *Água do Vintém*, até peças mais lentas e expressivas, como *Carijó*. A variedade rítmica também é notável, com a presença de tangos com ritmo de maxixe/lundu, como *Biõnne*, tangos com ritmo de habanera constante, como *Xi*, e peças com mistura de padrões rítmicos (apresentando ritmos derivados de mais de um estilo, como da habanera, polca, e lundu/maxixe, e suas variações), como *Só na Flauta*, por exemplo. Assim como as valsas, vários tangos foram publicados com classificações de estilo, como tango brasileiro, tango carnavalesco e tango-choro. Da mesma forma, os tangos de Gonzaga apresentam, em sua maioria, tonalidades maiores e com poucos acidentes. É comum que os tangos apresentem pelo menos uma seção com maior ênfase no ritmo sincopado, apresentando um caráter mais percussivo, e criando contraste com outras seções da peça. A variedade de estilos/caracteres em uma peça demanda o domínio de execução de diferentes tipos de toques e timbres (*cantabile*, brilhante e percussivo, por exemplo).

Assim como ocorre com as valsas, há poucas indicações de andamento, agógica, e de expressão nos tangos de Chiquinha. Portanto, o pianista possui certa liberdade de execução, mas deve cuidadosamente analisar a peça para identificar o estilo e o caráter da obra e escolher as nuances que melhor convenham às características da composição. O professor deve, portanto, guiar e auxiliar o aluno em suas escolhas interpretativas. Outro ponto importante é que esse estilo musical possui um gingado próprio que não é notado na

partitura. Portanto, uma certa flexibilidade agógica também é necessária para dar o molejo característico desse tipo de música. Esse suingue também é obtido através das articulações. Estas, também marcadas de forma esparsa pela compositora, devem ser cuidadosamente experimentadas para serem escolhidas de modo a expressar o caráter da passagem e contribuir para o balanço da dança. Por exemplo, algumas notas podem ser seguradas por mais tempo, outras encurtadas, algumas tocadas *staccato*, algumas acentuadas, etc. É importante que o aluno ouça gravações de pianistas populares e grupos de choro para internalizar esse gingado necessário ao tango brasileiro e que não é notado na partitura.

A textura dos tangos de Gonzaga pode, geralmente, ser interpretada como três camadas, cada uma podendo ser executada com um toque diferente para distingui-las, como se cada uma representasse um instrumento diferente no choro. A primeira, o baixo, deve ser levemente acentuada (principalmente nos primeiros tempos). A segunda, o acompanhamento, deve ser mais leve, porém com as síncopes precisas e claramente audíveis. Já a melodia deve ser evidenciada e pode assumir toques mais expressivos ou mais brilhantes, de acordo com o caráter da passagem, podendo variar de uma seção à outra da mesma peça.

Figura 2: Francisca Gonzaga, *O Diabinho*, compassos 35–39. Representação da divisão de camadas nos tangos. Para executar diferentes toques, o aluno pode imaginar instrumentos diferentes tocando cada uma delas, como por exemplo: azul - violão, vermelho - cavaquinho,



roxo - violão+cavaquinho, verde - flauta.

Fonte: Edição de 2011 do Acervo Digital Chiquinha Gonzaga

Outro ponto a se considerar na interpretação dos tangos brasileiros é o uso do pedal. O pedal sincopado deve ser evitado na maioria dos casos, para que não obscureça as síncopes e o gingado da peça. Já o pedal rítmico, utilizado especialmente nos primeiros tempos, funciona bem em diversas ocasiões. Esse tipo de pedalização evita que a música soe muito “seca”, dando um som mais cheio e evidenciando os baixos, porém mantendo as síncopes claras.

Quanto às dificuldades técnicas, nota-se, primeiramente, a presença frequente, ou até mesmo constante, de síncopes, que podem aparecer em uma ou ambas as mãos. Assim como nas valsas, a maioria das dificuldades técnicas ocorrem na mão direita, como arpejos, sequências de semicolcheias, notas repetidas, escalas, terças e sextas paralelas, entre outros. Na mão esquerda, notam-se grandes saltos entre baixo e acordes, acordes em diversas inversões, oitavas paralelas, repetidas e quebradas, acordes repetidos e intervalos harmônicos em movimento direto no estilo de habanera, por exemplo.

Figura 3: Notas rápidas na mão direita do tango *Água do Vintém*, de Chiquinha Gonzaga, compassos 29–32.



Fonte: Edição de 2011 do Acervo Digital Chiquinha Gonzaga

Conclusão

Durante sua vida, Chiquinha era adorada por músicos populares, admirada por músicos eruditos e muito requisitada como compositora para peças teatrais. O sucesso de sua música não se limitou ao Brasil e atingiu também Portugal, França e Alemanha. Ela sabia capturar o gosto popular e foi muito elogiada pela boa instrumentação e pela música alegre, animada e de caráter nacional (DINIZ, 2009, P. 137, 139). No entanto, após sua morte, sua música foi praticamente esquecida. Recentemente, o interesse por sua obra tem crescido. No entanto, grande parte de suas composições ainda é pouco conhecida. As valsas e os tangos de Chiquinha Gonzaga possuem multiplicidade de estilos, variados níveis de dificuldade, melodias elegantes e agradáveis e ritmos cativantes, sendo atrativas para estudantes de diferentes idades, experiências, e níveis e também para um público diversificado. Sendo assim, a obra da compositora merece maior reconhecimento por parte de pesquisadores, intérpretes e educadores.

Além da importância histórica de se estudar sua obra, as peças de Chiquinha contribuem para o desenvolvimento técnico, musical e estilístico de alunos de piano ao apresentar grande variedade de elementos pianísticos que serão encontrados em repertório subsequente tanto do ramo erudito tradicional, como as valsas de Schubert e Brahms, noturnos, mazurcas e valsas de Chopin e peças de compositores nacionalistas brasileiros, como Villa-Lobos, Francisco Mignone e Guerra-Peixe, quanto de repertório considerado de âmbito mais popular, como valsas e tangos de Ernesto Nazareth, e valsas e ragtimes de Scott Joplin. Essa mistura de elementos clássicos e populares na obra de Gonzaga também pode ser um fator motivacional para os estudantes de piano e inclui maior variedade de estilos na formação do aluno.

Ao estudar a obra de Chiquinha Gonzaga, os alunos desenvolverão habilidades técnicas, como a execução de escalas, arpejos, intervalos paralelos, notas repetidas, ornamentação e saltos. Eles também desenvolverão habilidades musicais ao explorar uma grande variedade de toques, timbres, expressividade, equilíbrio entre vozes, e ao experimentar diferentes dinâmicas, articulações, nuances agógicas e estilos de pedalização. Para aproveitar os diversos benefícios da obra de Gonzaga, professores podem agrupar peças em pequenas suítes, incluindo obras com características distintas, porém com um nível de dificuldade semelhante. A valorização da obra de Chiquinha por professores e pianistas é muito importante para a continuidade do legado dessa compositora brasileira tão importante e deve ser incentivado em todos os níveis de ensino.

Referências

ANDRADE, Mário. *Música, doce música*. São Paulo: L.G. Miranda, 1933/1934.

BARRET, Janet R.; MCCOY, Claire W.; VELEN, Kari K. *Sound ways of knowing: music in the interdisciplinary curriculum*. New York: Schirmer Books, 1997.

CLARK, Frances. *Questions and Answers: Practical Advice for Piano Teachers*. Northfield, Illinois: The Instrumentalist Company, 1992.

COHEN, Sara. *A obra pianística de Ernesto Nazareth: uma aplicação didática*. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma História de Vida*. Nova ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GONZAGA, Francisca. *Valsas e Tangos para Piano*. s.l.: Acervo Digital Chiquinha Gonzaga, 2011. Partituras. Disponíveis em: <<http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/>>. Acesso em 1 Jul. 2021.

JACOBSON, Jeanine M. Elementary Performance and Study Repertoire. In JACOBSON, Jeanine M. *Professional Piano Teaching*. Los Angeles: Alfred Music, 2015. P. 169–199.

MAGRATH, Jane. *Pianist's Guide to Standard Teaching and Performing Literature*. Los Angeles: Alfred Music, 1995.

PERES, Talitha. *Os tangos para piano de Chiquinha Gonzaga: uma análise descritiva*. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1995.